



**A MODERNIDADE INSUSTENTÁVEL E O HOMEM:
As Enchentes do Rio Grande do Sul como sintomas da técnica
moderna**

**UNSUSTAINABLE MODERNITY AND MAN:
The Floods in Rio Grande do Sul as Symptoms of Modern
Technique**

Wellington Lima Amorim¹
Daniel Fraga de Castro²

RESUMO: Este ensaio pretende analisar as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul nos anos de 1941 e 2024, relacionando esses eventos com as descrições e observações presentes na obra *"Fisionomia do Rio Grande do Sul"* de Balduino Rambo e as filosofias de Martin Heidegger e Byung Chul Han. A pesquisa busca compreender os fatores naturais e sociais que contribuíram para esses desastres, bem como as mudanças e continuidades ao longo da modernidade, utilizando os conceitos de modernidade sádica, desenvolvimento insustentável, técnica moderna, modernidade pornográfica, enxame e psicopolítica.

Palavras-chave: Modernidade sádica; enchente de 41; enchente de 2024; modernidade insustentável

¹ Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

² Possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002), graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (2017). E-mail: daniel.mitsein@gmail.com



ABSTRACT: This essay analyzes the floods that occurred in Rio Grande do Sul in 1941 and 2024, relating these events to the descriptions and observations found in Balduino Rambo's work *"Fisionomia do Rio Grande do Sul"* and the philosophies of Martin Heidegger and Byung Chul Han. The research seeks to understand the natural and social factors that contributed to these disasters, as well as the changes and continuities throughout modernity, using the concepts of sadistic modernity, unsustainable development, modern technique, pornographic modernity, swarm, and psychopolitics.

Keywords: Sadistic modernity; flood of 1941; flood of 2024; unsustainable modernity

INTRODUÇÃO

As enchentes de 1941 e 2024 no Rio Grande do Sul representam, em diferentes momentos históricos, episódios de grande devastação e sofrimento para a população local, revelando fragilidades tanto estruturais quanto sociais. A enchente de 1941 foi um dos maiores desastres naturais já registrados na região até aquele momento, com o rio Guaíba e outros afluentes transbordando e causando danos em larga escala. Em 2024, após décadas de negligência em infraestrutura e tecnologias de previsão climática, uma enchente de proporções similares ocorreu novamente, demonstrando como, apesar do desenvolvimento tecnológico, as cidades e suas populações ainda estão vulneráveis a eventos climáticos extremos devido a negligências dos gestores públicos.



Neste ensaio pretende-se analisar essas enchentes sob a perspectiva do conceito de "*modernidade sádica*"; uma análise crítica sobre as promessas de desenvolvimento, racionalidade e controle que acompanham a modernidade. A "*modernidade sádica*" expõe um modelo de positividade que frequentemente negligencia ou intensifica as vulnerabilidades sociais e ambientais. Neste sentido, ao examinar as enchentes de 1941 e 2024, podemos perceber como o modelo de crescimento urbano e tecnológico, impulsionado por um desejo de controle e domínio sobre a natureza, não apenas falhou em proteger as populações locais, mas também contribuiu para exacerbar os impactos dos desastres naturais. A relevância ao apresentar esses eventos sob essa ótica crítica vai além de uma mera revisão histórica. Ela nos permite questionar o papel das políticas públicas, da urbanização acelerada e das infraestruturas negligentes que, em vez de protegerem, acabam por expor a sociedade a ciclos repetitivos de tragédia. Assim, a análise das enchentes de 1941 e 2024, neste ensaio, à luz da "*modernidade sádica*" propõe uma reflexão profunda sobre a responsabilidade coletiva e a urgência de repensar o desenvolvimento tecnológico em prol de uma relação mais equilibrada e responsável com o meio ambiente.



A TÉCNICA, O HOMEM E A NATUREZA

Apesar de um maior investimento em infraestrutura e de um avanço nas tecnologias de previsão climática, a população e as cidades continuam altamente vulneráveis, devido tanto à falta de políticas de prevenção quanto à ausência de um planejamento urbano voltado para a resiliência, particularmente ligadas aos impactos das mudanças climáticas e aos dilemas da urbanização acelerada no Sul do Brasil, acompanhadas pela leniência e negligência dos gestores públicos, municipais, estaduais e federais. A aplicação do conceito de "*modernidade sádica*", oferece uma lente crítica para analisar esses eventos históricos, caracterizando-se como uma forma de desenvolvimento que, sob o pretexto do progresso e do controle racional, intensifica a exploração e o sofrimento humano e ambiental. Esse modelo de modernidade parece impulsionar práticas de urbanização e industrialização que negligenciam os impactos sociais e ecológicos, agravando, assim, as condições de vulnerabilidade em situações de desastre. As enchentes de 1941 e 2024, sob esta perspectiva, exemplificam a forma como um modelo tecnológico privilegia o lucro e o controle sobre a natureza e tende a resultar em tragédias cíclicas e evitáveis.

Para aprofundar esta análise crítica, a obra de Martin Heidegger se torna especialmente relevante. Em seu ensaio "*A questão da técnica*" (*Die Frage nach der*



Technik), Heidegger critica a concepção moderna de técnica como um meio de dominação e controle sobre o mundo natural, sugerindo que tal abordagem aliena o ser humano de uma relação autêntica com o Ser e o ambiente. Segundo Heidegger, a *técnica moderna* transforma o mundo em um recurso a ser explorado, levando a uma “*Gestell*” (dispositivo, rede de captura ou estrutura de imposição), em que a natureza é vista como uma reserva manipulável. A aplicação desse conceito ao contexto das enchentes de 1941 e 2024 permite ver como a exploração desenfreada dos recursos naturais e a imposição de uma estrutura urbana inflexível podem intensificar os desastres naturais, que passam a ser uma manifestação das falhas da própria modernidade. A técnica contemporânea, por outro lado, é caracterizada por uma abordagem utilitarista e dominadora da natureza, levando à sua exploração exacerbada. O autor distingue entre a técnica como um modo de revelação e como mera instrumentalidade. Essa distinção é crucial para entender sua crítica. Ele alerta para o fato de que a técnica moderna, ao se basear na exploração e no controle da natureza, promove uma visão de mundo que reduz o Ser a um mero recurso. Heidegger argumenta que essa visão utilitarista pode levar a uma alienação do ser humano em relação à sua própria essência. Ele destaca: “*O homem jamais se tornará senhor daquilo que determina o elemento mais próprio da técnica moderna. É por isso que ele não pode ser apenas seu escravo*” (Heidegger, 2002, p. 201) Outro ponto central na obra de



Heidegger é a questão da "*revelação*". Para ele, a técnica moderna não apenas revela a natureza como um recurso, mas também esconde outras formas de revelação que são mais autênticas. Essa reflexão leva o leitor a considerar a importância de uma relação mais harmoniosa e respeitosa com a natureza. Heidegger não se limita a criticar a técnica, mas também sugere um caminho para uma relação mais autêntica com ela. Ele propõe a necessidade de uma "*revelação poética*", que nos permita perceber a beleza e a complexidade do mundo. Através dessa revelação, seria possível transcender a visão utilitarista e redescobrir um sentido mais profundo da existência.

Por outro lado, Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo que também se dedica a criticar a modernidade, explora em obras como *Enxame* e *Psicopolítica* os efeitos de um sistema que mercantiliza a vida e instrumentaliza as relações humanas e ambientais. O pensador argumenta que, ao reduzir tudo a um objeto de consumo e controle, a modernidade gera uma relação superficial e distanciada com a natureza, que é constantemente submetida às demandas de produtividade e eficiência. Essa visão se alinha ao conceito de *modernidade sádica*, uma vez que se destaca o modelo de desenvolvimento capitalista que intensifica a vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, reprime as formas de resistência e de questionamento. O ensaio "*Enxame*" de Byung-Chul Han é uma análise



incisiva das dinâmicas sociais contemporâneas de rede, centrando-se na noção de "enxame" como uma nova forma de organização social e cultural.

Han utiliza a metáfora do enxame para descrever a transformação da sociedade sob a influência das tecnologias digitais, que promovem uma nova lógica de interação e comunicação, principalmente pelas redes sociais. No texto, o pensador argumenta que a sociedade atual é caracterizada pela passagem de um modelo de controle e disciplina para um modelo de autopromoção e autoexploração. Ele observa que, no contexto digital, os indivíduos se tornam parte de um "enxame", onde suas identidades e interações são moldadas por algoritmos e pela constante busca por visibilidade e reconhecimento: "os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós". (Han, 2018, p.27). Essa afirmação revela a crítica de Han ao fato de que, apesar da aparência de liberdade e interação, o ser humano se torna uma parte de uma massa homogeneizada, perdendo sua singularidade e profundidade. O pensador também aborda o impacto das redes sociais na formação de opiniões e na construção de realidades, destacando, na dinâmica do enxame, que a verdade se torna uma construção coletiva e efêmera, sujeita a influências de tendências momentâneas e ao poder dos algoritmos:



“A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. (HAN, 2017, p. 11).”

Essa crítica é particularmente relevante em um momento em que a desinformação e as bolhas de informação se tornaram predominantes na sociedade digital. Além disso, Han explora as consequências psicológicas dessa nova organização social. Ele argumenta que a constante pressão para se adaptar e se destacar no enxame gera um estado de ansiedade e solidão, caracterizando uma nova forma de violência social.

O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam-se transparentes quando despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda a profundidade hermenêutica, de todo sentido tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho. (HAN. 2019a. P.10).

Essa perspectiva traz à tona a necessidade de repensar a relação do indivíduo com o coletivo, com o meio ambiente e com a tecnologia, buscando um equilíbrio que permita a



preservação da individualidade e da autenticidade. Ao utilizar a metáfora do enxame, Byung-Chul Han oferece uma crítica contundente à desindividualização e à superficialidade das relações contemporâneas. O ensaio é um convite para reconsiderar a natureza da verdade, da comunicação e da experiência humana em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia. Por outro lado, a *"Psicopolítica"*, apresenta uma análise penetrante das dinâmicas de poder contemporâneas, propondo uma reflexão sobre como a tecnologia e a psicologia moldam as relações sociais e políticas na era digital. Han, utiliza o conceito de *"psicopolítica"* para descrever uma nova forma de controle que vai além da disciplina tradicional, caracterizando-se pela manipulação da subjetividade. A obra inicia-se com a premissa de que, no mundo moderno, o controle não é mais exercido de forma direta, como no modelo panóptico de Foucault, mas sim por meio da autoexploração e da autoajuda., que ao invés de uma opressão explícita, a psicopolítica opera através da promoção da liberdade e da felicidade, levando os indivíduos a se tornarem seus próprios algozes:

“O invólucro mágico é retirado. As formas não dizem mais por si mesmas. Uma densificação, uma complexidade, uma ambivalência, um exagero, uma grande ambiguidade até a contrariedade, tudo isso caracteriza a linguagem das formas, dos significantes. Sugerem uma relevância sem que de



pronto caíam em significados. Agora desaparecem em prol de significados e mensagens simplificadas que são entulhadas na obra de arte”. (HAN. 2021a. p 44).

Esta crítica revela como o discurso da liberdade e do sucesso pessoal pode ser utilizado para justificar a exploração do indivíduo em suas próprias atividades. O autor também aborda a influência das tecnologias digitais sobre a subjetividade, destacando que as redes sociais e as plataformas online não apenas facilitam a comunicação, mas também criam um ambiente de vigilância e competição. As pessoas são incentivadas a se expor constantemente, buscando validação através de curtidas e compartilhamentos, o que pode levar a uma incessante comparação social e à insatisfação. Esta transformação da comunicação implica uma nova forma de controle, onde o indivíduo é levado a se conformar a padrões externos de performance e visibilidade. Outro aspecto relevante da obra é a crítica à forma como as instituições, empresas e governos, utilizam a psicopolítica para moldar comportamentos e opiniões. Han ressalta que a manipulação da subjetividade é uma estratégia eficaz, pois opera nas camadas mais íntimas da vida individual, tornando-se quase invisível. Essa análise provoca uma reflexão sobre a ética das relações sociais e a necessidade de resistir a essa forma insidiosa de controle. Enfim, Han nos convida a repensar as formas de controle que permeiam nossas vidas e compreender as complexas



interações entre poder, subjetividade e tecnologia na sociedade contemporânea, alertando para os perigos da autoexploração e da alienação na busca por uma felicidade imposta.

ENCHENTES COMO SINTOMA DA MODERNIDADE SÁDICA

Com isso, é possível interpretar as enchentes de 1941 e 2024, não apenas como eventos naturais, mas também reveladores das transformações sociais, políticas e tecnológicas que marcam a modernidade, desde a forma utilitarista que tratamos o meio ambiente as forma de controle dos indivíduos e autoexploração. Ao analisar essas catástrofes sob a ótica do conceito de *modernidade sádica* é possível compreender como a modernidade se entrelaça com a violência e o sofrimento humano. Ou melhor, as enchentes de 1941, que afetaram o Rio Grande do Sul, e as ocorridas em 2024, que devastaram áreas urbanas e rurais, apresentam semelhanças notáveis em termos de impactos sociais e econômicos. Ambas as tragédias revelam uma vulnerabilidade estrutural das cidades, expostas à falta de planejamento urbano adequado e à negligência governamental em relação à infraestrutura. Em 1941, a falta de drenagem e o crescimento desordenado das cidades contribuíram para a gravidade das enchentes, enquanto em 2024, as condições climáticas extremas, exacerbadas pelas mudanças climáticas e pela urbanização acelerada, acentuaram os efeitos das chuvas. As duas enchentes também



provocaram desastres sociais, com perdas humanas e materiais significativas, e geraram mobilizações populares por ajuda e assistência. Entretanto, temos diferenças entre os eventos que são marcantes. A enchente de 1941 ocorreu em um contexto de pós-guerra, marcado por uma crescente urbanização e industrialização, enquanto a de 2024 é um reflexo das dinâmicas contemporâneas de hiperconexão e globalização, em que a tecnologia e a informação desempenham papéis cruciais na resposta e na gestão de crises. A mobilização social em 2024 também foi amplificada pelas redes sociais, permitindo uma rápida disseminação de informações e uma mobilização mais efetiva em comparação com os anos 40.

Todavia, a *modernidade sádica*, se destaca pela brutalidade que permeia as relações sociais na contemporaneidade. Essa brutalidade se manifesta não apenas nas relações interpessoais, mas também nas estruturas sociais e políticas que permitem que a vulnerabilidade de grupos sociais seja explorada. As enchentes, nesse contexto, podem ser vistas como manifestações dessa violência sistemática, onde as populações mais vulneráveis são frequentemente as mais afetadas por desastres naturais, exacerbados pela inação e descaso do Estado. A técnica, conforme discutido por Heidegger, pode ser vista como um fator que contribui para essa violência. A visão heideggeriana da técnica como um modo de revelação que transforma o mundo em um recurso a ser explorado nos ajuda



a entender como a modernidade, ao priorizar a eficiência e a produtividade, negligencia as condições de vida das populações. Em vez de um cuidado com o ser humano e o meio ambiente, a técnica contemporânea pode promover um desdém pela vulnerabilidade e pela fragilidade da existência.

Retornando a Byung-Chul Han, em sua análise da psicopolítica, pode-se iluminar essa relação entre modernidade e violência. Ele argumenta que o controle na modernidade não é mais uma questão de repressão direta, mas sim de manipulação e sedução, onde a subjetividade é moldada por imperativos de desempenho e sucesso. Nas enchentes de 2024, a resposta governamental, frequentemente reativa e desarticulada, ilustra essa psicopolítica: o sofrimento das vítimas é muitas vezes mediado por uma lógica que prioriza a imagem e a eficiência em detrimento do cuidado genuíno. As enchentes de 1941 e 2024 são eventos que, apesar de suas diferenças contextuais, revelam uma continuidade preocupante nas relações de vulnerabilidade e violência na modernidade. A análise sob a luz do conceito de *modernidade sádica*, juntamente com as reflexões de Heidegger sobre técnica e de Han sobre psicopolítica, evidencia como a modernidade, ao priorizar a eficiência e o controle, pode se tornar um terreno fértil para a violência social e a desumanização. Essas catástrofes não são apenas desastres naturais, mas também



manifestações das fragilidades e injustiças que marcam a condição humana na era contemporânea.

O padre Balduíno Rambo, um dos maiores pesquisadores sobre a flora, o clima e a geografia do Estado do Rio Grande do Sul, dedicou grande parte de sua vida a entender as características naturais da região. Suas observações detalhadas sobre o ambiente gaúcho, incluindo o comportamento dos rios e das chuvas, forneceram uma base essencial para que se compreendesse a dinâmica das enchentes e seus impactos na sociedade. As recentes enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, reviveram questões que já haviam sido abordadas por Rambo e, principalmente, por povos originários, cujos conhecimentos ancestrais sobre o território sempre alertaram para a necessidade de uma relação mais harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente. Balduíno Rambo enxergava o Rio Grande do Sul como um espaço cuja natureza impunha desafios, mas que podia ser compreendida por meio do estudo profundo e da observação.

Em suas análises, ele identificou que as características da geografia do estado, especialmente a topografia acidentada e os ciclos intensos de chuva, contribuíam para enchentes periódicas. Rambo ressaltava que, embora essas enchentes fossem fenômenos naturais, sua severidade era intensificada pela ação humana, como o desmatamento das matas ciliares, a ocupação desordenada das margens dos rios e a exploração intensiva do



solo. A visão do padre Rambo antecipava a crise ecológica atual, alertando para a necessidade de planejamento urbano e conservação ambiental para evitar desastres. Ele entendia que a degradação do meio ambiente e o desrespeito aos ciclos naturais intensificavam a frequência e a gravidade das enchentes. Para ele, as práticas coloniais e a modernização descontrolada não eram apenas uma questão de exploração econômica, mas sim de desrespeito com a vida humana e o meio ambiente.

Os povos originários que habitam o Rio Grande do Sul, como os Kaingang e Guarani, têm uma relação profunda com o território e carregam conhecimentos ancestrais sobre os ciclos climáticos e os comportamentos dos rios. Em suas práticas e cosmologias, esses povos sempre alertaram para os perigos da exploração desenfreada da natureza e para a necessidade de respeitar os ciclos naturais. Acreditam que o equilíbrio ecológico é fundamental para a sobrevivência coletiva e que a natureza é um ente dotado de vida e significado, e não apenas um recurso a ser explorado. Os conhecimentos tradicionais dos povos originários, que incluem previsões climáticas e práticas sustentáveis de uso do solo, poderiam ter servido como guias para evitar ou mitigar os efeitos das enchentes atuais. Ao ignorar esses saberes, o poder público e a sociedade civil abriram espaço para a repetição de tragédias e para o aumento da vulnerabilidade das comunidades locais. Em muitos aspectos, os alertas desses povos têm sido corroborados pela ciência moderna, que vê no



desmatamento e na ocupação desenfreada um fator central para a intensificação das crises ambientais.

A crítica de Balduino Rambo à exploração insustentável e a sabedoria dos povos originários do Rio Grande do Sul evidenciam um chamado à modernidade para repensar sua relação com o meio ambiente. A incapacidade de ouvir esses alertas, tanto os científicos quanto dos povos ancestrais, revela uma atitude que desconsidera a natureza como uma parceira na existência humana. Os povos originários e Rambo partilham uma visão que resiste à lógica extrativista e propõe uma relação de respeito e reciprocidade com a terra. Nesse sentido, as enchentes de 2024 são também um sintoma da violência da modernidade e de sua relação destrutiva com o mundo natural. As advertências de Rambo e dos povos originários tornam-se mais relevantes do que nunca, revelando que o caminho para uma convivência mais segura e justa com o meio ambiente passa pelo reconhecimento e pela valorização desses conhecimentos e práticas. A visão ecológica e crítica do padre Balduino Rambo, aliada à sabedoria ancestral dos povos originários, oferece lições valiosas para enfrentar as crises ambientais contemporâneas. Tanto os alertas de Rambo quanto os dos povos Kaingang e Guarani, mostram que é possível estabelecer uma relação mais sustentável e poética com o meio ambiente, fundamentada no respeito aos ciclos naturais e na preservação do equilíbrio ecológico. Em um momento de mudanças climáticas e



desastres naturais, a sociedade brasileira tem a oportunidade e a necessidade de revisitar esses saberes e integrá-los ao planejamento e à política ambiental para evitar novas tragédias e construir um futuro mais harmonioso e sustentável.

MODERNIDADE INSUSTENTÁVEL

É importante revisitar o conceito de "*modernidade insustentável*" que consiste em uma crítica incisiva ao paradigma predominante de desenvolvimento que, ao contrário de ser sustentável, revela-se um fator de crise ambiental e social. LEIS (2004) examina como a noção de "*desenvolvimento sustentável*" frequentemente é usada como justificativa para continuar práticas de exploração econômica e crescimento desordenado, sem realmente transformar a relação da sociedade com a natureza. A "*modernidade insustentável*" é uma ironia amarga que questiona o compromisso real das políticas e práticas de sustentabilidade. LEIS (2004) argumenta que o *desenvolvimento insustentável* é caracterizado por uma expansão econômica que, sob a fachada de sustentabilidade, continua a promover degradação ambiental e exploração de recursos naturais em uma escala insustentável. Em vez de interromper o ciclo de destruição ambiental, o conceito de desenvolvimento sustentável se torna uma estratégia retórica que apazigua as críticas ao



mesmo tempo em que mantém práticas danosas, evidenciando como a sustentabilidade muitas vezes se torna um recurso de marketing.

Por sua vez, a *modernidade insustentável* é o resultado de uma visão de mundo que privilegia o crescimento econômico incessante e o consumo, desprezando a necessidade de equilíbrio com o meio ambiente. Nesse sentido, o conceito desafia a ideia de que o *desenvolvimento sustentável* pode ser atingido por meio de pequenos ajustes em um sistema econômico que, em sua essência, é predatório e incompatível com a preservação ambiental. O pensador sugere que, enquanto a lógica de consumo e crescimento permanecer intocada, qualquer tentativa de *desenvolvimento sustentável* estará condenada ao fracasso. LEIS (2004) explora as raízes da modernidade insustentável no antropocentrismo, que coloca os interesses humanos acima dos limites naturais. Esse posicionamento, segundo ele, leva a uma concepção errada de desenvolvimento, onde o bem-estar humano é calculado em termos econômicos e materiais, mas sem considerar os impactos ecológicos e intergeracionais.

A natureza é, então, vista como um recurso infinito a ser explorado e transformado, o que cria um ciclo de degradação progressiva e acelera crises ambientais. A ideologia do crescimento econômico, criticada por LEIS (2004), é um dos principais motores do *desenvolvimento insustentável*. Ele argumenta que a busca por crescimento econômico a



qualquer custo torna-se um valor hegemônico que ofusca as discussões sobre sustentabilidade verdadeira. Ou seja, esta ideologia não apenas ignora a finitude dos recursos naturais, mas também sustenta desigualdades sociais ao perpetuar um sistema que beneficia poucos em detrimento da maioria e da própria natureza. Enfim, o desenvolvimento sustentável não pode ser alcançado dentro de um sistema que se alimenta da extração e da exploração contínua dos recursos.

O conceito de *desenvolvimento insustentável*, então, sugere a necessidade de uma *"sustentabilidade profunda"*, uma visão que implica mudanças estruturais na economia e na sociedade. Leis defende uma reconceitualização da sustentabilidade, que não se limite a adaptações cosméticas, mas promova uma transformação radical nos valores e nas práticas econômicas. Essa visão alternativa não coloca o crescimento econômico no centro, mas sim o equilíbrio e a harmonia com o meio ambiente, buscando um modelo de desenvolvimento que respeite os limites planetários e as necessidades das futuras gerações. O conceito de desenvolvimento insustentável oferece uma crítica poderosa e necessária às políticas de sustentabilidade que se limitam a *"pintar de verde"* um modelo econômico insustentável. É preciso desafiar as ideologias que colocam o crescimento econômico acima do equilíbrio ecológico, propondo uma mudança fundamental em nossa visão de desenvolvimento convocando ao abandono do antropocentrismo e adotar uma relação mais consciente e



responsável com o meio ambiente, reconhecendo a finitude dos recursos e a necessidade de sustentabilidade profunda. Essa abordagem coloca em questão o compromisso real das práticas de sustentabilidade atuais, sugerindo que uma transformação estrutural e ética é imprescindível para o futuro do planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, os avanços em infraestrutura e previsão climática não conseguiram transformar a situação social e auxiliar na vulnerabilidade de populações urbanas no Rio Grande do Sul. Inicialmente que se perceba a falta de políticas preventivas e o planejamento urbano inadequado, agravados pela negligência dos gestores cada vez mais intoxicados pela noção de produtividade desenfreada. A técnica permanece como um modo de dominação que transforma a natureza em recurso, objeto de uso sem qualquer disposição para a com-vivência. Vive-se em uma sociedade do parecer, devido Às redes sociais. A busca por eficiência e visibilidade digital reduz indivíduos a membros homogêneos de uma massa, gerando ansiedade, desinformação e violência social. A “modernidade insustentável” tronou-se uma triste realidade, abafando qualquer possibilidade de desenvolvimento sustentável.



As enchentes de 1941 e 2024 são apenas sintomas de um modelo tecnológico que privilegia lucro e controle, intensificando impactos climáticos e desestruturação social, sobretudo entre os mais pobres, com respostas governamentais simplesmente reativas. No entanto, que se perceba que o padre Balduino Rambo, combinando seu discurso com os saberes dos povos originários do Rio Grande do Sul, e assim defendendo conhecimentos locais com valores ecológicos, apontaram para uma outra saída muito antes da tragédia. Os gestores poderiam ter mitigado desastres mediante planejamento sustentável e respeito aos ciclos naturais. Propõe-se uma mudança estrutural rumo à sustentabilidade profunda, que rejeite o antropocentrismo, reconheça limites ecológicos e promova uma relação mais justa e consciente com o meio ambiente. Se continuarmos explorando recursos e promovendo desigualdades, ao transformar a natureza em recurso infinito, encontraremos um fim trágico. No entanto, esse não é um destino escrito em pedra. É possível tomar outras direções se soubermos olhar para os avisos de nossos antepassados e aprender a conviver com um mundo que existiu e existirá mesmo quando a humanidade desaparecer.

REFERÊNCIAS

GUIMARAES, Rafael. A enchente de 41. Libretos. Porto Alegre. 2009.



HAN, Byung Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis. Vozes, 2015.

_____. No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis. Vozes, 2018

_____. **PSICOPOLÍTICA:** neoliberalismo e novas Tecnologias. Petrópolis. Vozes, 2016.

_____. Sociedade da Transparência. Petrópolis. Vozes, 2019.

_____. Agonia do Eros. Petrópolis. Vozes, 2016.

_____. O Desaparecimento dos Rituais - Uma Topologia do Presente. Petrópolis. Vozes, 2021

_____. A salvação pelo Belo. Petrópolis. Vozes, 2019



99

_____. Favor fechar os olhos - Em busca de um outro tempo. Petrópolis. Vozes, 2021.

_____. A sociedade Paliativa - A dor hoje. Petrópolis. Vozes, 2021.

HEIDEGGER, M. Beiträge zur Philosophie – Vom Ereignis. Frankfurt, Vittorio Klostermann. 1989

_____. A questão da técnica. Cadernos de Tradução, 2:40-93. 1997.

_____. A tese de Kant sobre o ser. São Paulo, Nova Cultural. (Os Pensadores). 1999.

_____. M. HEIDEGGER, Ensaios e conferências. Petrópolis. Vozes. 2001.

_____. Carta-resposta Revista Begegnung, 1965 de Heidegger ao professor da Universidade de Tóquio, dr. Takehiko Kojima. In: E. **STEIN**, Uma breve introdução à filosofia. Ijuí, Unijuí. 2002.



100

_____. **APORTES A LA FILOSOFÍA:** acerca del evento. Buenos Aires, Biblioteca Internacional Heidegger. 2003.

_____. Introdução à Metafísica. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

INWOOD, M. 2002. Dicionário Heidegger. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2002.

LEIS, Hector. Modernidade Insustentável. Montevideo. Coscorobas ediciones, 2004.

LOPARIC, Z. Heidegger e a pergunta pela técnica. In: Cadernos de História e Filosofia da Ciência, série 3, v. 6, nº2, São Paulo, UNICAMP. 1996.

MALINOSKI, André; **GONZATTO**, Marcelo. **LOPES**, Rodrigo. A enchente de 24. Porto Alegre. BesouroBox. 2024.

RAMBO, Balduino. A fisionomia do Rio Grande do Sul. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2005.



SADE, Marquês. Zoloé e suas duas amantes. Rio de Janeiro. Gráfica Record Editora, 1968

_____. Justine ou os infortúnios da virtude. Rio de Janeiro. Saga, 1968.

_____. A filosofia na alcova ou escola de libertinagem. Brasília. Coordenada Editora de Brasília. 1968.

_____. Aline e Valcour. Rio de Janeiro. José Álvaro, 1969.

_____. O livro negro do amor ou a sensualidade ao alcance de todos. São Paulo. HEMUS, 1969.

_____. Os 120 dias de Sodoma. São Paulo. HEMUS, 1969.

_____. Os crimes do amor. Brasília, DF. Coordenada, 1970.

_____. A divina marquesa. São Paulo. Golfinho, 1975.